

ATLAS
SUBJETIVO
DO CONEXÃO
COMUNIDADE



conexão
comunidade



ATLAS SUBJETIVO DO CONEXÃO COMUNIDADE

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Jéssica Kawaguiski

ILUSTRAÇÕES

Jéssica Kawaguiski e Mila Barone

TEXTO

Eveline Xavier

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

Emanuela São Pedro e Eveline Xavier

REVISÃO DE PROVAS

Jéssica Kawaguiski

A construção deste material tomou como referência as produções feitas pelos alunos e agentes culturais participantes do projeto Conexão Comunidade no período das oficinas presenciais em 2019 e começo de 2020.

Impresso na Gráfica Pampulha, fevereiro de 2021.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

ESSA CONVERSA SOBRE PATRIMÔNIO 6

EU SOU DAQUI 10

OS SABERES DE CADA LUGAR 32

AS CELEBRAÇÕES DE CADA LUGAR 44

AS EXPRESSÕES DE CADA LUGAR 56

OS LUGARES DENTRO DE CADA LUGAR 64

QUEM FEZ ESTE ATLAS 70

AGRADECIMENTOS 72

BRASIL

BAHIA

BARRA DOS COQUEIROS

SERGIPE

ALAGOINHAS

BRUMADO

MINAS GERAIS

ARAQUARI

PATROCÍNIO

SANTA LUZIA

ARCOS

BH

SÃO PAULO

CUBATÃO



APRESENTAÇÃO

“Esse falado arrastado mesmo... Se você chegar em cada localidade aqui, cada região o pessoal fala diferente, um fala arrastando, outro fala quase cantando. Eu, por morar aqui há muito tempo, cada pessoa que chegue aqui diferente eu conheço de que região ela é, pode ser de onde for. Nós temos várias localidades: o Oiteiro, nome que vem da origem africana, assim como o Cangula, são comunidades quilombolas. Aí tem Guabiraba, que já vem de uma fruta, espécie de um araçá. Temos Rio Seco, num é que lá tenha um rio que corta, mas colocaram esse nome. Temos a Fazenda Poços, que é uma parte alta que nem poços tem. Assim que Boa União é hoje, com essas localidades todas.”

(Antônio Dantas de Jesus – Povoado Boa União | Alagoinhas - BA)

Atlas foi um titã, uma entidade espécie de um gigante fantástico. Rezam as lendas gregas, que Atlas esteve à frente nas lutas dos titãs contra os deuses do Olimpo, o que deixou Zeus, o mais poderoso desses deuses, danado. Quando o lado dos deuses venceu a batalha, Zeus obrigou Atlas a carregar para sempre o mundo nas costas.

Em 1585, Gerardo Mercator, um senhor nascido na localidade que hoje conhecemos por Bélgica, juntou uma série de mapas que ele desenhou sobre o mundo que conheceu até aqueles tempos. Achando esse caso do titã bastante interessante e sugestivo, Mercator resolveu emprestar o nome de Atlas para esse calhamaço de mapas. Afinal, o motivo era meio parecido: carregar o mundo em um desenho no papel, que naquela época não era bem um papel como este, mas isso é outra história.

Aí não pararam mais de inventar atlas para reunir mapas de tudo quanto é parte dessa Terra. Eles são criados para que as pessoas entendam melhor as formas que têm os lugares, o tanto que eles são imensos e cheios de meandros. Mas sempre que alguém passa a viver numa localidade, para além de entender o desenho da

natureza daquele recanto, ela passa a desenhar sua história com aquele rincão. E aí as naturezas vão se transformando, a da pessoa e a do lugar.

O Atlas Subjetivo do Conexão Comunidade é um calhamaço de mapas das histórias de pessoas que carregam, cada uma, um mundo diferente nas costas. Esses mundos fazem delas quem são: alunos de escolas públicas, detentores de patrimônios imateriais e comunidades tradicionais que desenham aqui sobre suas relações, a de seus pais, tios e avós com territórios diversos que vão do Povoado Jatobá, em Barra dos Coqueiros |SE, à Vila dos Pescadores, em Cubatão |SP.

Dos encontros que tivemos com essas pessoas, criamos juntos todo tipo de mapa, com desenhos dos seus caminhos e paisagens de todo dia, com fotos de suas caras e de suas descobertas sobre onde sempre estão, com expressões que só existem em seus lugares, com frotagem das plantas e flores que nascem por lá, com contações de uma vida inteira.

*O conceito de atlas subjetivo foi criado pela designer e pesquisadora Annelys De Vet

ESSA CONVERSA SOBRE PATRIMÔNIO

O registro, no caso do patrimônio imaterial, e o tombamento, no caso do patrimônio material, são instrumentos legais de reconhecimento e valorização de bens culturais, símbolos das sociedades. Mas eles são o topo do morro. Para chegar lá a conversa começou bem antes, foi preciso entender como essas sociedades surgiram e foram se organizando nos lugares ao longo do tempo.

“Essa conversa sobre o patrimônio, eu gostei muito. Tinha coisa da cidade que eu nem sabia. A gente criou um mapa juntos que conta sobre onde a gente mora, nossas plantações, nossas casas e tudo que tem aqui na cidade.” – João Pedro
(EE Venina Tavares Amaral | Patrocínio - MG)



“A Beirada, mais conhecida como Rua da Frente, fica próxima ao rio e é bem bonita. Lá a gente curte a paisagem e tira foto.” – Luan
(EM Creuza Gomes | Barra dos Coqueiros - SE)

“Pimbarra é uma brincadeira que tem dois times e um tem que passar para o lado do outro sem ser colado e depois voltar para o seu time.” – Bianca
(EM Deoclides José Pereira | Barra dos Coqueiros - SE)

Iraci Gama – Secretária de Cultura

ALAGOINHAS - BA

Alagoinhas é o resultado do desbravamento feito por Garcia D'Ávila, acompanhante de Tomé de Souza, é um pouco porta para o sertão. Ele queria implantar seu sistema pecuário nessa área, que era toda ocupada por indígenas.

A gente sabe que era uma prática da colonização portuguesa trazer os padres e construir capelas para catequizar os índios. Entre uma catequese e outra, aconteciam mais coisas também muito desagradáveis. Na nossa região aconteceu isso demais, nós temos muita herança indígena, particularmente na gastronomia, mas não temos uma só tribo. Não restou tribo por aqui. Temos descendentes e dá pra saber que existiram indígenas aqui por algumas dessas figuras que ainda temos vivas e que contam histórias das famílias.

Gado procura lugar onde beber e essa nossa região tinha muitas lagoas pequenas. Uma dessas lagoas chamava muito a atenção pela beleza do local e qualidade da água. E na construção das capelas, uma delas foi construída perto dessa lagoa. Os sacerdotes que iam chegando e ganhando autoridade, faziam uso dessa lagoa, que ficou denominada Fonte dos Padres. Começa mais ou menos por aí essa história da nossa Alagoinhas.

Os tropeiros e boiadeiros passavam por aqui levando esse gado de Garcia D'Ávila para o Piauí. Os negros que fugiam dos engenhos e os indígenas que tentavam sobreviver iam se acumulando no entorno dessa Fonte dos Padres, perto da capela. Todos chamavam aqui de "terra das lagoinhas". Esse lugar serviu de base para o desenvolvimento de um povoado, que cresceu muito em especial devido ao plantio do fumo.

O povoado passou à freguesia, a capela passou à matriz e quando chega a metade do século XIX,

o governo imperial resolve construir uma linha de trem ligando o litoral ao sertão, do mar de Salvador ao Rio São Francisco. O traçado da linha passaria exatamente à 3 km daquela capela, onde foi construída uma estação ferroviária. Daí, o governo fez uma promoção daquela freguesia à arraial e de arraial à Vila de Santo Antônio das Lagoinhas, em 02 de julho de 1853. Com o movimento da linha de ferro, essa vila começa também a se movimentar e a sede é transferida do entorno da lagoa para as proximidades da estação.

À época, a construção da matriz estava em curso no lugar da antiga capela, mas com a mudança da sede da vila, o projeto fica sem apoio e dá origem ao que hoje nós temos como um patrimônio material arquitetônico tombado da cidade de Alagoinhas, a Igreja Inacabada.

Eu fui criada com meu avô, Pedro Bernardino Fernandes da Gama. Eu nasci em 1943 e convivi com esse homem que se aposentou como mestre em caldeiraria. Nós vivemos juntos nessa mesma casa em que eu moro até hoje, nunca saí daqui, eu já sou parte da rua, até. E esse é um trecho ferroviário de entrada da cidade. Quem entra na cidade por trem, passa necessariamente na minha porta.

Eu aprendi de cedo com esse grande mestre que foi meu avô, que é preciso respeitar o ontem, hoje a gente é resultado do ontem. É importante que a gente saiba que os patrimônios são simbologias, representações que precisamos cultivar como parte da nossa história e o patrimônio material e o imaterial não estão desassociados. A história dessas construções todas está entrelaçada à história de quem construiu. É algo que é nosso, aconteceu entre nós, para que amanhã o povo saiba qual é sua identidade, sua raiz, seu ponto de apoio.



“O que tem de mais antigo aqui é a terra. A terra é um patrimônio do mundo inteiro.” – João Manoel e Lia Mariana
(EE José Carneiro Cunha | Araguari - MG)

“As culturas diferentes de cada lugar, as linguagens, as brincadeiras, os tipos de comida.” – Luiz Fernando Nunes dos Santos
(EM Papa João XXIII | Araguari - MG)

“O lugar mais antigo daqui de Araguari, a Praça dos Ferroviários.” – Emanuel
(EE José Carneiro Cunha | Araguari - MG)

“Meu avô me disse que a cidade antes de ser uma cidade, lá onde é a farmácia Bahia, eram uns trilhos de ferro. A estação ficava no meio da cidade, onde é o Museu dos Ferroviários.”
– Igor
(EM Tenente Coronel Vilagran Cabrita | Araguari - MG)



“Patrimônio é aquilo que guarda uma cidade, cultura, tradição, festa e comidas típicas, uma maneira de falar. Tudo isso é patrimônio.” – Pedro
(EM Laura Andrade | Arcos - MG)

“A Rota da Fé é um monte de ciclistas que andam pela cidade acompanhados de um carro tocando música e no final, a gente para na igreja e celebra a missa. Ela se tornou tradição aqui de Arcos.” – Júlia
(EM José Bonifácio Gonçalves | Arcos - MG)

“A Usina, que antes era uma usina elétrica e agora virou lugar pra nadar. Tem também a Praça da Matriz.” – Samuel
(EM Laura Andrade | Arcos - MG)



“O caruru é um prato que eu acho que só tem aqui, feito com quiabo, camarão e castanha. Na feira, aqui no centro de Brumado, vende tudo isso.” – Matheus
(EM Oscarlina Oliveira Silva | Brumado - BA)

“O São João aqui na cidade tem muita quadrilha e comida típica: milho, amendoim, canjica, arroz doce, mingau.” – Matheus
(EM Oscarlina Oliveira Silva | Brumado - BA)

“Uma festa típica que tem aqui é a Festa de Reis. Hoje em dia não tá tendo muito. Lá na minha comunidade às vezes é que acontece, quando tem novena dos devotos de Santa Rita ou de algum santo nas igrejas, ou quando alguém tá fazendo aniversário e gosta, chama a folia, fazem procissão, enfeitam, colocam bandeira.” - Gabriela
(EM Oscarlina Oliveira Silva | Brumado - BA)

“Patrimônio imaterial são coisas que passam de geração em geração. Aqui em Alagoinhas a gente tem a capoeira, o acarajé. O acarajé é uma comida típica aqui de Alagoinhas e a capoeira é uma dança que antigamente os escravos faziam.” – Zaira
(EM Irene Andrade de Assis | Alagoinhas - BA)

“Nossas igrejas, casas, praças, pessoas, as ruas onde a gente vive, nossas comidas, festas e brincadeiras.” – Tiala e Larissa
(EM Tancredo de Almeida Neves | Alagoinhas - BA)

“Lá na comunidade quilombola do Oiteiro, desde que eu me mudei pra lá, todo ano acontece uma festa com o samba de roda, todo mundo vai pra lá.” – Deivid
(CM Miguel Santos Fontes | Alagoinhas - BA)

“O que eu mais gosto aqui na cidade é a cavalgada. É um evento que a gente monta nos cavalos e sai pra se encontrar, se divertir, brincar e dançar muito.” – Patrícia Vitória
(CM Miguel Santos Fontes | Alagoinhas - BA)





EU SOU DAQUI

Para chegar nessa conversa sobre patrimônio, é preciso começar falando sobre a umbigada entre identidade e território e essa compreensão que as pessoas têm sem conseguir explicar direito, de que elas pertencem aos lugares e que aquele chão também é um pouco delas.





Tainara Daniele Arruda Santos – Técnica em segurança do trabalho

ARAGUARI - MG

Eu sou nascida aqui em Araguari. Meu pai é daqui também. Apesar de ter vivido em vários lugares com culturas diferentes, Araguari realmente é onde eu quero ficar. E eu tenho muita relação com essa cidade, porque morando aqui eu me sinto bem, minha família toda tá aqui, meu avô tá aqui, minhas tias. E é uma cidade tranquila, a gente pode sair a hora que quer, não tem tanto movimento, tanta bagunça, é uma cidade do interior, as pessoas se conhecem.

Araguari tem muito fixada a questão do milho e a questão do café que é plantado aqui, a gente tem muito essa cultura do café. A gente gosta de um cafezinho, gosta de um pão de queijo, como todo mineiro gosta. Então tem pessoas que fazem geleia, fazem licor de café, várias coisas com esse café.

E a gente tem aqui uma coisa que só no interior de Minas tem: o cara que vai na porta da sua casa vender a pamonha assada, o curau, a pamonha de sal. Lá na minha casa ele sempre passa, duas a três vezes por semana é lei comer a pamonha dele. É um senhorzinho que é famoso aqui em Araguari, ele passa de porta em porta na rua. Ali você compra e confia que é feito com todo amor, carinho e higiene. A gente chama ele carinhosamente de Tio Eli. Quando eu criança, a gente falava "Tio Eli", "Tio Eli", "Tio Eli", então pra mim ficou Tio Eli, eu não sei qual o nome verdadeiro dele, mas pra mim é esse. A minha filha também herdou essa paixão, toda vez que ele passa no portão tem que pegar pamonha, não adianta.





Ruteneia Teles – Quilombo de Pinhões

SANTA LUZIA - MG

Eu sou daqui. Nasci aqui como meus pais, como meus bisavós. Eu faço uma pesquisa do tempo que minha família habita aqui a região, encontrei registros que datam de 1807, então minha família tem uma história muito longa aqui.

A comunidade quilombola de Pinhões tem o início de sua história com os negros que trabalharam na construção do Convento de Macaúbas e minha família data dessa época. Hoje eu tenho 41 anos e a minha vivência é dentro da tradição da minha família. Eu não saí daqui, tudo que eu aprendi foi com eles.

Eu vivi isso de plantar milho, abrir as covas, jogar os baguinhos, um tanto do que a gente plantava ficava pra nós, outro tanto ficava pro dono da terra. Lá fora é um modo de vida diferente. O meu pertencimento é isso, com meu passado, com meu modo de vida, com o que meus pais me ensinaram.

Hoje nós ainda temos aqui a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a Guarda de Catupé de Nossa Senhora do Rosário, composta só

por homens que têm mais de 100 anos. Nós também temos uma guarda mais recente, que é a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo, ela tem 5 anos e é composta só por mulheres. Ao mesmo tempo que eu digo que essa guarda é nova, eu digo que não, porque isso já está nas veias. As mulheres que compõem essa guarda são todas filhas de congadeiros, então não é nada novo, é algo que já se tem na raiz.

Essas são manifestações que nós temos aqui. Quando o mestre toca a viola dele, quando eles cantam, não tem quem da comunidade não se emocione, quando eles fazem a despedida na porta da igreja é a coisa mais impressionante. Meu pai tem 84 anos e tem uns 4 anos que ele deixou de dançar porque o corpo já não aguenta, ele não enxerga, mas você vê durante a despedida a lágrima correndo no olho dele. Quando você olha nos olhos das outras pessoas da comunidade, tá todo mundo chorando, ninguém sabe falar que sentimento é esse. É um sentimento do passado. Só quem mora dentro de uma comunidade quilombola pra ter esse sentimento dos seus familiares, lá do passado.



IGREJA MATRIZ DE SANTA LUZIA
 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
 BALAIERAS
 DOCE DE FIGO
 REI E RAINHA PERPÉTUA DA GUARDA DE ROSÁRIO
 CATUPÉ
 FESTA DE SANTA CRUZ
 QUILOMBO PINHÕES
 DOCE DE MAMÃO
 FESTA DE SÃO PEDRO
 LUZIA
 CONGADO
 FESTA DE SÃO JOÃO
 DOCEIRA
 APA CARSTE
 DOCEIRA
 DIVINO ESPÍRITO SANTO
 FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO
 CASA DE CULTUR DE SANTA LUZIA

SANTA LUZIA - MG

SANTA LUZIA - MG

Município brasileiro do estado de Minas Gerais, pertence à Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Gentílico: luziense

Área territorial:
235,205 km²

População estimada:
220.444 pessoas

TRADIÇÕES
 SALVAGUARDA DOS PATRIMÔNIOS
 COMUNIDADE
 CULTURA POPULAR
 MEMÓRIA do TERRITÓRIO
 POVO BANTU da ANGOLA
 TRADIÇÃO DO SUDESTE
 GRANDE RODA
 JONGUEIRO
 JONGUEIRO
 CUBATÃO - SP
 TAMBORES
 ADINKRA
 ZABELE
 RESISTÊNCIA
 BLOCO DOS CABEÇÕES
 PARTEIRA
 POVOS INDÍGENAS
 PALAFITAS
 TERRITÓRIO
 IDENTIDADE
 PERTENCIMENTO
 FANFARRAS
 CELEBRAÇÕES
 MARIQUINHA
 ORIXÃS
 RAIZES NEGRAS
 FESTEJOS
 BAQUE

CUBATÃO - SP

Município brasileiro do estado de São Paulo, na Região Metropolitana da Baixada Santista.

Gentílico: cubatense

Área territorial:
142,879 km²

População estimada:
131.626 pessoas



POUSADA

SALITRE

PATROCÍNIO

CORREDO

Rosa de Loureiras

Santinha

CONGADO

Contro de Insetos

MANGA

ESCALA ESCALA

Posto

E.E. V TAVAR

FELIPE

CAFÉ

TRATORES

RIO SALITRE



ALAGUINHOS



ALAGOINHAS

Bolo 30 Fuba

E.M. TANCREDO
DE ALMEIDA NEVES

CLUB DAS ALMAS

CLUBE DOS 30

ESTÁDIO

BARRAÇA DE
AMENDÓIM

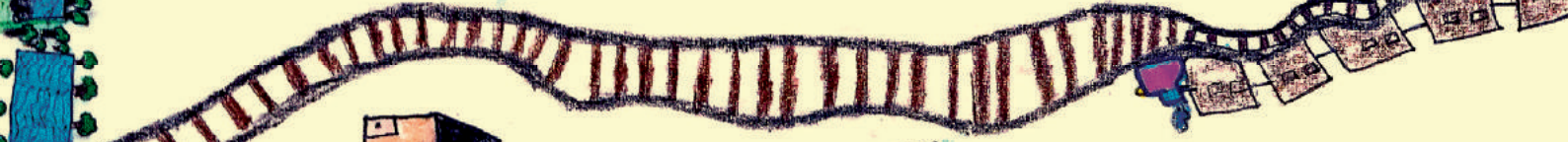
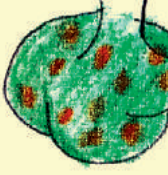
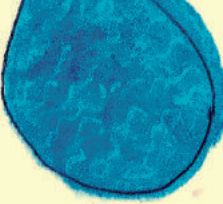
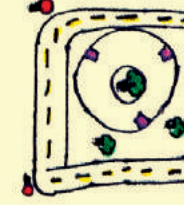
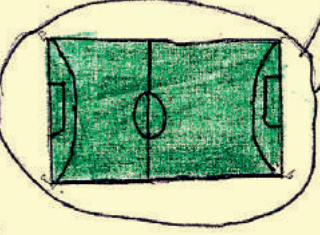
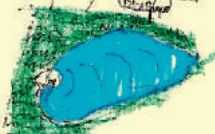
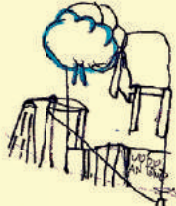
MILHO

Rodoviária





ARAGUARI



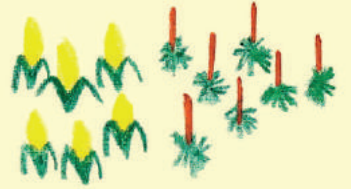
SAMANTA



RIO SANTANA

ITATI

LOANDA



ARENA DE RODEIO DA LOANDA



COMUNIDADE SANTANA

RIO SÃO DOMINGOS

ESCOLA LAUR



CARLOS GABRIEL



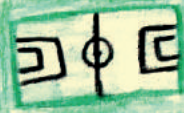
CENTRO COMUNITARIO



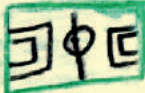
VERMELHOS

DANILO

DIEGO



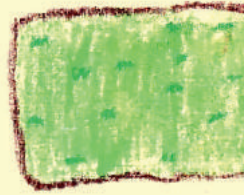
DOMA



ANDRÉ



BURACO





SÃO DOMINGOS

ARCOS/MG





SEM TERRA

PRAÇA

E.M. DEOCLIDES JOSÉ PEREIRA

POVADO JATOBÁ

RIO POMONGA

ALDEIA SANTO AMARO

Abiade

PÉ de MAMÃO

Kauam

Cerca

MARCELO

157

de Amor



DANÇA
do
PARAFUSO

CAPUA

BARRA
DOS
COQUEIROS

MANGA

ARRASTU...

Ingridy

Morro da
Cruza

ESC

Luciana



PIZZARIA

Manuêta

SÃO JOÃO



Vila Presi

Thalita

AÇAI

PRAÇA

Vila Presi

Júlia

Cemitério



ESCOLAR

CRAS

Renara
Campo
Seco II
ESTEFANE

Mailane

BRENOR
Epimheiro

Campo Seco I

Mônica

Guaciana
Raione

Maione

CE
+

udente Vargas

BRUMADO/BA

MAGNÉTR



LIVRARIA



POSTO SAUDE



IGREJA N SRA APARECIDA



LANCHONETE



ESCOLA CIE PROFESSORA MARIA SÔNIA



Quadr

Brumado →



POSTO GASOLINA

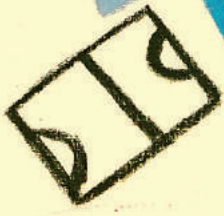


ESC



LAGOA

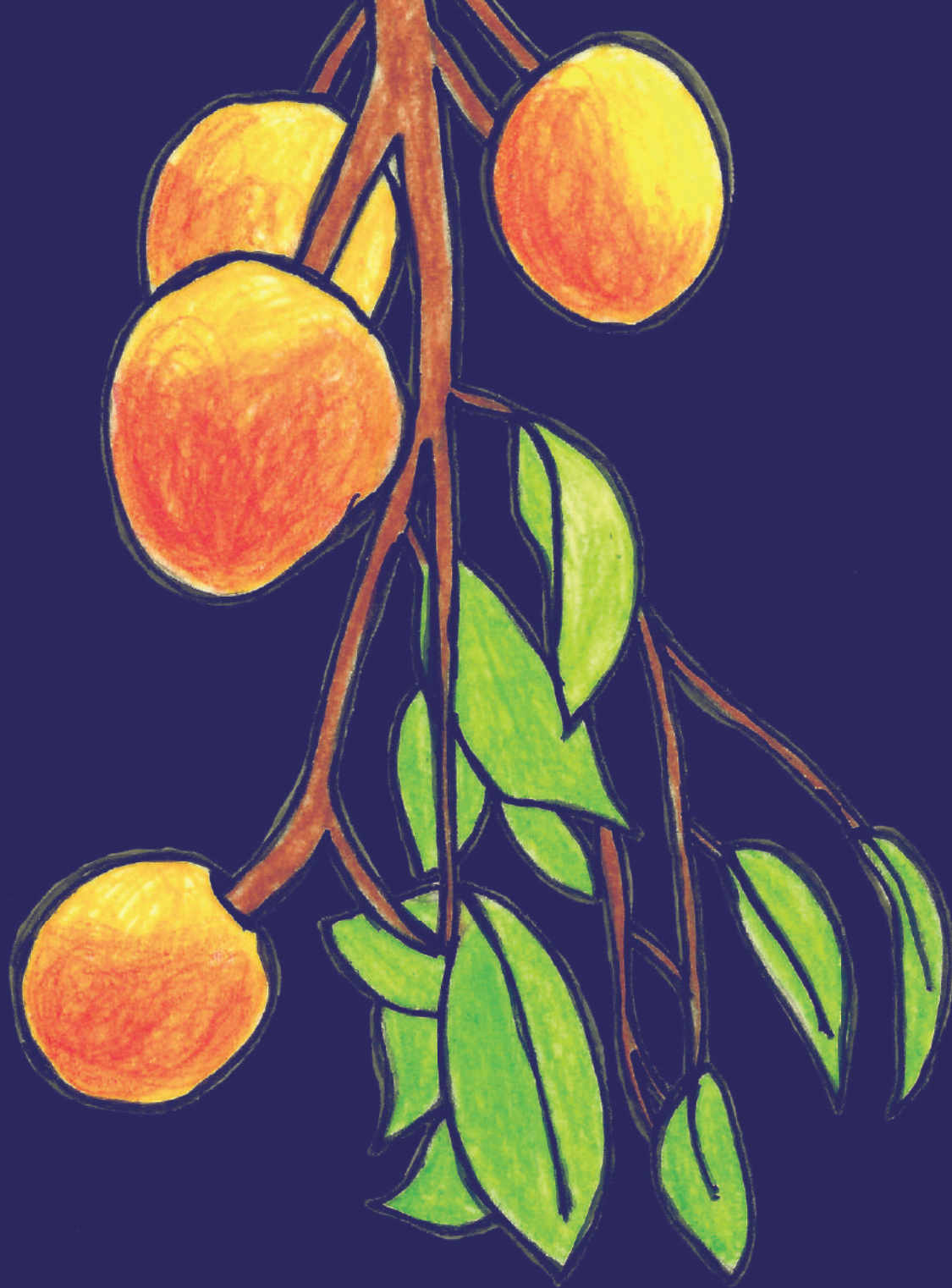
MITÉRIO +



Zila + Catibobaba



CLUBE CATIBOABA



OS SABERES

DE CADA LUGAR

PATRÍCIA SANTOS DE JESUS – CATADORA DE MANGABA

BARRA DOS COQUEIROS - SE

Minha mãe foi que me ensinou a catar mangaba. Ela tem um conhecimento tão fantástico que você botava a mangaba na mão dela, lhe fechava os olhos e, pela textura e pelo peso, ela sabia se a mangaba tava de vez ou não tava, se tava pronta pra coleta ou não. A gente tem muitas histórias de quando eu era mais nova, ia junto com minhas primas e minhas irmãs pro mato catar. Todo mundo pequeno, porque a gente aprende a catar de pequeno. Eu lembro da minha mãe me apresentando outras frutas, manipuçá, uma fruta tão gostosa e quase não tem mais. Você não tem como determinar o valor disso.

Aqui no município de Barra dos Coqueiros, a minha vó foi a primeira catadora de mangaba. Ela morava numa outra cidade e quando ela se casou com meu avô, veio pra cá. Minha avó viu que aqui tinha um monte de mangabeiras e o pessoal não tinha a prática da coleta, então ela começou aqui. Com o passar do tempo, outras mulheres começaram a desenvolver essa prática no município, principalmente quem era dos povoados. A maioria das pessoas aqui da comunidade aprendeu a catar mangaba com sua mãe, com sua avó. O nome da minha era Maria Plácida, mas ninguém chamava ela pelo nome, era chamada de Plácida ou de Paca.

A minha outra avó, que ainda é viva, tem mais de 100 anos, sempre levou a gente pra fazer a coleta de outras frutas, como o murici, cambuí, comuns por aqui, e a minha mãe também fazia isso. Era um trabalho comum para mulheres para garantir fonte de renda.

Existe uma lei do estado de Sergipe, de 2010, que reconhece a gente como grupo diferenciado. Essa conquista foi a partir de nós mesmas, a partir da organização do próprio movimento das catadoras de mangaba. Então, em 2010, foi fundada a Associação das Catadoras e Catadores de Mangaba de Barra dos Coqueiros, da qual faço parte e sou presidente, mas antes disso a gente já se organizava enquanto grupo.

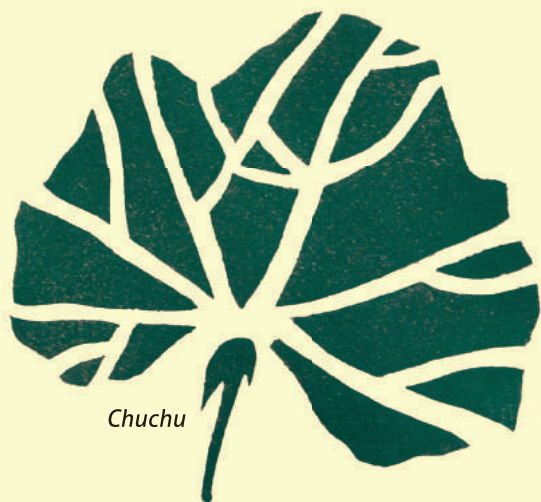
Em 2007, foi fundado o Movimento das Catadoras de Mangaba, durante um encontro realizado pela Embrapa, que contou com a participação das quebradeiras de coco babaçu. Elas serviram de referência pra gente saber a importância do trabalho que a gente desenvolve. Percebemos que existiam outros movimentos sociais específicos de mulheres, que faziam o trabalho de conservação de determinados ecossistemas pela garantia de renda de suas famílias e essas famílias se autorreconheciam como comunidades tradicionais. Aquilo foi fundamental pra gente fundar o movimento.

A maioria das mangabeiras do litoral sergipano são nativas. Depois da valorização das terras de algumas localidades, a exploração do capital imobiliário e a instalação de estruturas com o pretexto de desenvolvimento do turismo, a gente passou a enfrentar vários problemas, dentre eles a derrubada de muitas mangabeiras e a privatização e proibição de acesso às áreas onde antes as famílias coletavam a mangaba livremente. À cada dia, são construídos mais e mais condomínios, que, quando chegam, cortam tudo, mangabeira, murici, cambuzeiro, cajueiro. E não tem perspectiva nenhuma da gente se manter nessas áreas, da gente manter essa cata.

É cientificamente comprovado que essas áreas de mata nativa só permanecem com a existência das comunidades tradicionais. A gente só tem como sobreviver se as áreas de restinga sobreviverem, automaticamente essas áreas só têm como sobreviver se existirem catadoras de mangaba. No mapeamento que fiz em 2017, consegui identificar 75 famílias dos povoados Capoã e Olhos d'água envolvidas na catação de mangaba. Tem também uma terceira comunidade aqui na Barra, o povoado Jatobá, que tem mais de 30 famílias. Ou seja, são mais de 100 famílias que têm o extrativismo da mangaba como fonte importante de renda aqui no município.



Imagens feitas de forma colaborativa pelos alunos participantes do projeto (técnicas: monotypia em gelatina, estêncil, frotagem e desenho em papel vegetal).



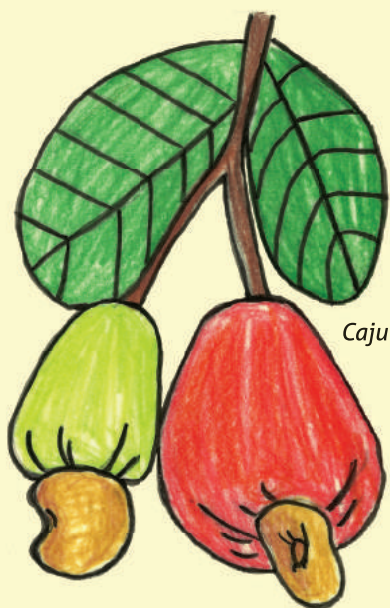
Chuchu



Amora



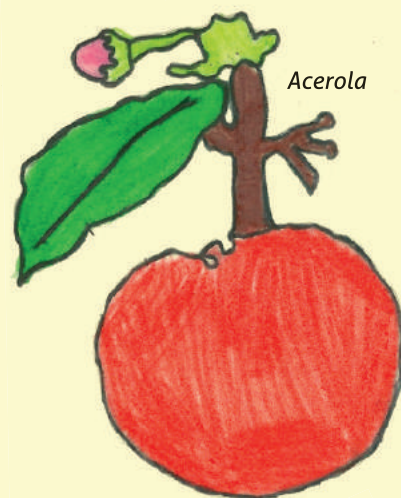
Caninha de macaco



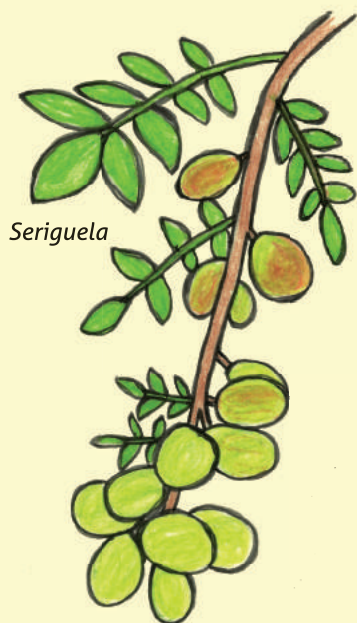
Caju



Boldo



Acerola



Seriguela



Manga



Café



NOSSAS HISTÓRIAS E SABERES

"AQUI POR PERTO TEM BOI, TATU, LAGARTO, SERIEMA E MULA SEM CABEÇA. A SERIEMA TEM PERNA FINA, MAS NÃO VOA IGUAL PASSARINHO. JÁ A MULA SEM CABEÇA, SE VOCÊ A VIR POR AÍ, SAIA CORRENDO PELAS CARREIRAS."

37



PATROCÍNIO/M9

Este cartaz foi produzido de maneira colaborativa pelos alunos do 6º ano da Escola Estadual Venina Tavares Amaral em 2019.

NOSSAS HISTÓRIAS E SABERES

"DIZEM QUE TINHA UM PADRE QUE IA FAZER UMA CATEDRAL AQUI. ACONTECE QUE TODA VEZ QUE ELE TERMINAVA DE FAZER A IGREJA, ELA RACHAVA E QUEBRAVA. ENTÃO ELE RESOLVEU DEIXAR COMO PONTO TURÍSTICO PARA A CIDADE, A IGREJA INACABADA."



ALAGOINHAS/BA

Este cartaz foi produzido de maneira colaborativa pelos alunos do 5º ano da Escola Municipal Irene Andrade de Assis em 2019.

**NOSSAS
HISTÓRIAS
E SABERES**

"AQUI POR PERTO JÁ VIRAM A MULA SEM CABEÇA
GALOPANDO PELO MATO. DIZEM QUE TIRARAM O FREIO
DE FERRO DELA E AGORA VIROU GENTE DE NOVO.
QUEM FOI QUE TEVE ESSA CORAGEM?"



ARCOS/MG

Este cartaz foi produzido de maneira colaborativa pelos
alunos do 6º e do 8º ano da Escola Municipal Laura
Andrade em 2019.

MARIA CONCEIÇÃO NUNES – ASTOTOTOS

BARRA DOS COQUEIROS - SE

Meu pai e outros canoieiros relatam assim: um repórter foi fazer uma matéria e deu esse nome pras embarcações por conta do barulho do motor. Era um motorzinho de popa que na água fazia tó tó tó tó tó tó tó tó, então ficou esse nome. Mas o nome de registro na marinha é canoa.

Um dia, era 2008, eu ainda fazia faculdade de educação física, meu pai veio fazer o horário de almoço, nós tínhamos o hábito de almoçar juntos, e eu vi meu pai chorando. Eu nunca tinha visto meu pai chorar. Ele disse que o trabalho e a vida dele não eram a mesma coisa. Nesse dia eu pensei que se eu podia fazer trabalhos voluntários na comunidade, na igreja, eu não poderia deixar de ajudar meu pai no trabalho dele com as tototós, porque foi justamente o trabalho dele que me fez ser quem eu sou e chegar aonde eu cheguei.

Ele começou com 15 anos, hoje já tá com 68, é um dos mais antigos que tá vivo, é minha fonte de conhecimento. Por causa dele é que eu sei um pouquinho da natureza, um pouquinho do rio, um pouquinho do mangue, um

pouquinho da fauna e da flora ribeirinhas e das navegações. Eu aprendi convivendo, navegando, estando do lado dele. Não só eu, mas também outros canoieiros que já trabalharam com ele.

Atualmente, sou presidente da Associação dos Canoieiros e Usuários das Tototós do Estado de Sergipe - Astototos, mas venho trabalhando com eles desde que saiu a ponte ligando Barra dos Coqueiros à Aracaju. Foi um momento de grande impacto na economia e na identidade dos canoieiros.

Eu sou canoieira, tenho irmão canoieiro, meu esposo é filho de canoieiro, o avô dele também era canoieiro, é uma relação de pertencimento familiar. Essa identidade do canoieiro se entrelaça com as outras identidades culturais daqui, então era bem fácil você encontrar a esposa do canoieiro sendo brincante do samba de coco, ou rendeira, ou catadora de mangaba. As identidades das famílias que construíram nossa cidade passam por esse lugar dessa travessia e dessa relação de ida e volta sobre o Rio Sergipe.



Em 1917, já existia essa travessia. A igreja católica queria que os governantes dessem uma estrutura melhor para os visitantes que vinham para a festa da padroeira. Essa devoção acontecia bem antes da paróquia ser denominada Paróquia de Santa Luzia, ou a localidade ser chamada Ilha de Santa Luzia. A devoção católica que existia aqui era Nossa Senhora dos Mares, depois é que uma família rica trouxe essa santa portuguesa chamada Santa Luzia.

Através das tototós, nós conseguimos contar a história de nossa gente com suas cores, suas formas, seus direitos. A navegação, a pesca, tudo passa pelas nossas embarcações. As pessoas aqui têm uma relação familiar com elas. Não se

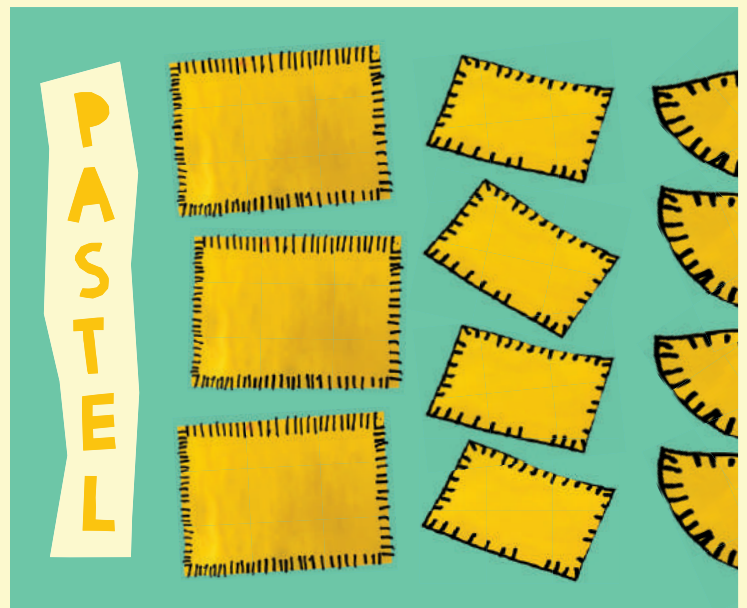
pode falar de Barra dos Coqueiros sem falar das tototós. E a gente trabalha para preservar essa identidade, para que as pessoas tenham orgulho de quem são.

Para quem não conhece as tototós, a gente apresenta chegando na beira do rio pedindo que cada um se sinta um canoeiro, uma canoeira. Aí a gente desce o rio e conta a história a partir desse olhar de dentro do rio para a cidade, seja do lado da Barra, ou do lado de Aracaju. Conseguimos mostrar para as pessoas o gosto da nossa cana, além do coco e da mangaba, e que aqui tem mulheres rendeiras, tem artesanato, tem uma gente que gosta e que faz cultura, que se sustenta a partir desses valores.





Série de postais e fotografias produzidas de forma colaborativa por alunos e agentes culturais de Patrocínio/MG.



WILSON JOSÉ ROSA – QUEIJO PIRAPETININGA

PATROCÍNIO - MG

Eu sou pequeno agricultor, minha família já mexia com queijo, mas não tinha a produção de queijo como sua principal atividade. Minha relação mesmo com o queijo minas artesanal começou como uma relação profissional. Eu sou aposentado da Emater – MG. Na década de 90, eu trabalhei no município de Cruzeiro da Fortaleza e depois no município de Serra do Salitre. Nesse período, nós fizemos um trabalho grande com um grupo de pequenos produtores de melhoria da qualidade do queijo.

Quando eu me aposentei, em 2016, eu voltei para Patrocínio, comprei um sitiozinho e comecei a fazer a produção de queijos. Hoje, sou um produtor de queijo minas artesanal e procurei me adequar para poder fazer um queijo com toda a qualidade, é o queijo Pirapetininga WR, de Wilson Rosa.

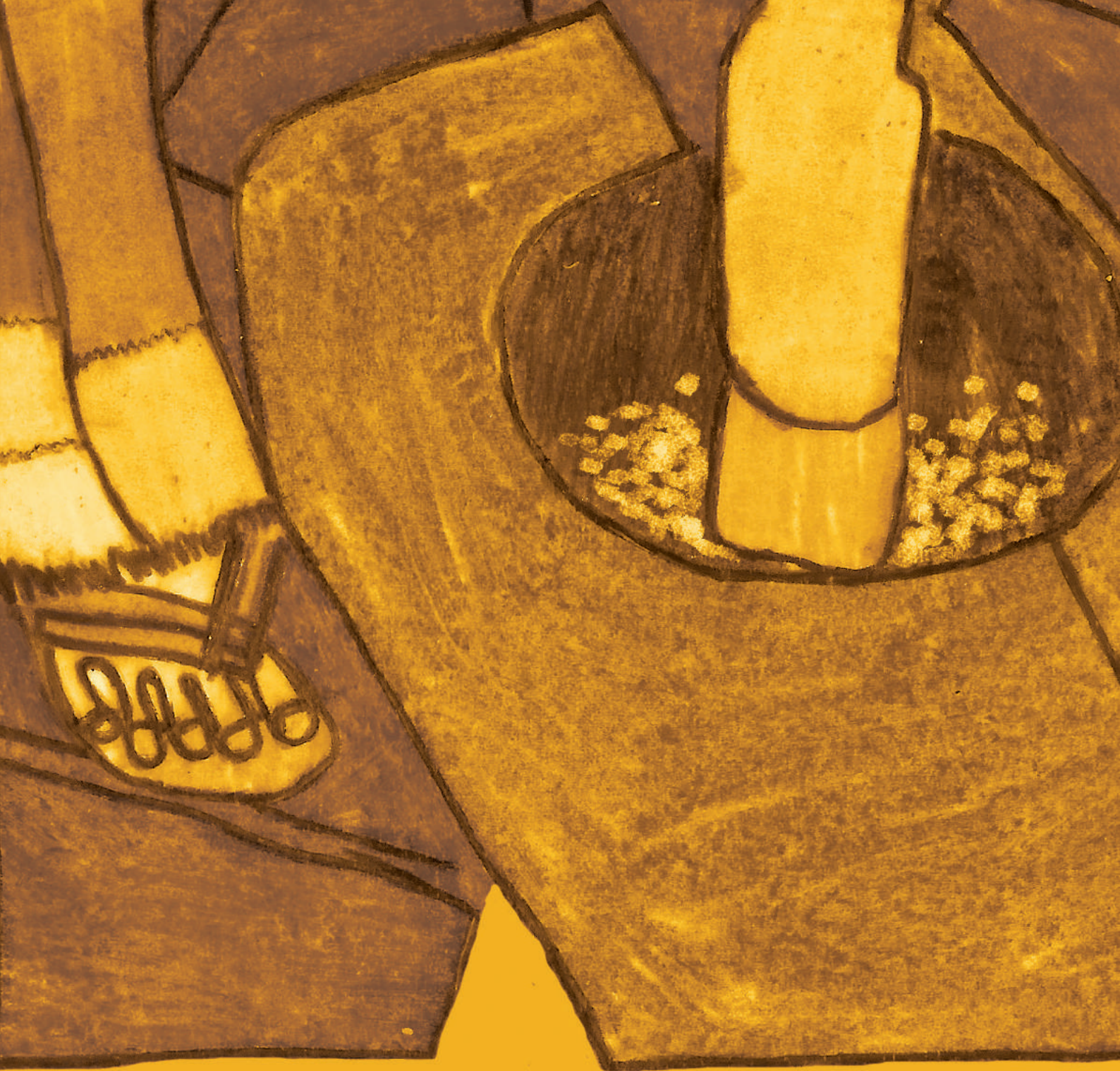
O queijo minas artesanal faz parte da história do pequeno agricultor mineiro, do produtor de leite. Seu modo de fazer é tradição já há quase 300 anos no estado. Foi iniciado na região do Campo das Vertentes, a primeira região a fabricar o queijo aqui, na época das bandeiras. Depois foi na região do Serro, que tem uma cultura muito rica. Tem também a Serra da

Canastra e depois a nossa região aqui do Alto Paranaíba. É a mais nova, mas a produção do queijo já data de quase 200 anos.

Quando você chega em qualquer lugar do país e fala que é mineiro, as pessoas já associam a gente com o queijo e não é o industrial, é o nosso queijo artesanal, que é famoso pra todo lado. Então, o reconhecimento recente enquanto patrimônio imaterial é o reconhecimento de uma ligação que já existia há muito tempo.

E tem uma ligação econômica também. Uma grande maioria dos produtores de queijo tem nessa produção sua única fonte de renda, várias famílias do estado vivem do queijo. A nossa região aqui do Alto Paranaíba tem mais de 6 mil agricultores que produzem queijo e que mantêm essa tradição familiar de fazer, passado de pai pra filho, de geração em geração. É aquela coisa que não se adquire nas escolas, se adquire no saber fazer, as pessoas aprendem fazendo. E cada um desenvolve a sua maneira, a sua forma de fazer, cada um quer esmerar na qualidade, cada um quer fazer e mostrar um produto melhor, cada um quer ter um cuidado a mais e isso tudo só enriquece esse produto e a nossa cultura.





AS CELEBRAÇÕES

DE CADA LUGAR

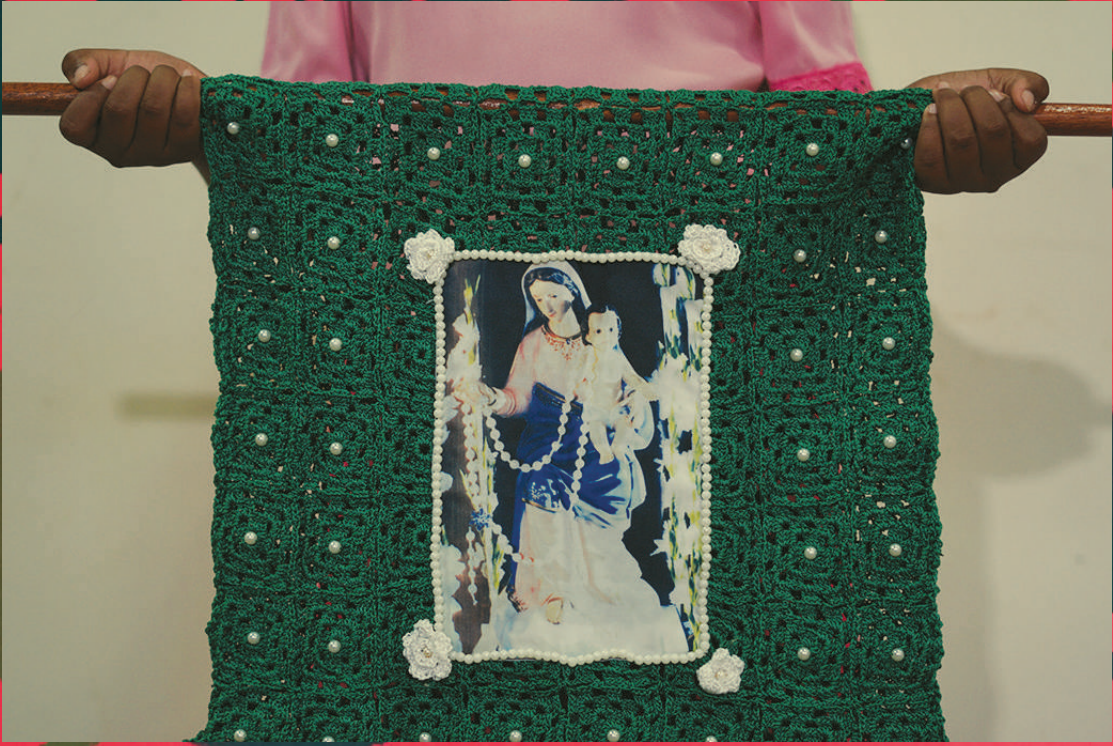
BARTOLOMEU E IVAN – CHULA DO PILÃO

BRUMADO - BA

A chula do pilão é uma tradição dos casamentos antigos que tinham aqui no povoado Jacaré. As pessoas marcavam o casamento e contratavam o pessoal daqui pra fazer a pila do milho, depois peneiravam e tiravam o fubá que era usado pra fazer as comidas da festa. Eles pegavam dois pilões e botavam um do lado do outro, aí ficavam quatro pessoas em cada lado. De um lado o grupo canta, do outro lado o outro grupo responde, aquelas cantigas antigas. Alguns chamam até de Dança do Pilão. É uma tradição que já vem de muitos anos, os avós, os pais foram passando pra família.

Eu aprendi a chula do pilão observando meu pai e meu avô. Meu avô era um dos componentes mais ativos, ele pilava no pilão dele, depois ia no outro também pilar. Eu tenho 48 anos e quando eu nasci o povo já fazia a chula do pilão.

Hoje a gente não faz mais em casamento, faz mais em alguma apresentação de cultura quando alguém convida. É importante manter essas tradições que são mais antigas, porque senão vai acabando com os componentes mais velhos, as pessoas que faziam o trabalho mais bonito vão morrendo, então aquelas pessoas mais jovens, que são filhos e sobrinhos, alguns estão aprendendo. É uma cultura muito legal, muito bonita.





MANUEL FLÁVIO DOS SANTOS – CONGO VERDE

ARAGUARI - MG

O congado veio da África, de diversos lugares: do Congo, de Moçambique, da Angola, de Zâmbia, do Ketu. Os navios negreiros trouxeram os negros para o Brasil, os escravizados que deram origem aos quilombos foram para as matas, como é a história de Zumbi dos Palmares, e daí vieram as festas dos congados. Os negros fugidos faziam as festas, uns vestiam penas, outros pintavam o corpo, vestiam pele de bicho.

Eles contam que o moçambique foi o único terno que tirou Nossa Senhora da gruta. Diz a história que os outros ternos iam na gruta e batiam os tambores e a santa não saía, porque eles

entravam de frente e saíam de costas pra ela. Quando o moçambique chegou na gruta, eles entraram de frente pra ela e saíram de frente pra ela, por isso que ela foi pra fora com eles.

Tem outra história que o moçambique tirou Nossa Senhora de dentro da água. Uma embarcação que veio lá do lado de Portugal trazendo uma imagem deixou a santa cair dentro do rio. O moçambique saiu à procura e achou a imagem. Uma história muito linda. Mas como se diz, né, essa é a parte que eu sei contar.



GASPAR PERSÍLIO – CAPITÃO DE FOLIA

PATROCÍNIO - MG

Meu sobrenome não é Persílio, mas eu uso esse sobrenome vou te falar o porquê. É que meu pai era capitão da folia de Salitre de Minas, um capitão muito famoso, Baltazar Persílio, o pai dele chamava Persílio. E eu segurei esse nome, essa tradição, assim, em homenagem ao meu pai. Nós somos quatro irmãos homens e duas mulheres, o mais velho morreu e o filho que o meu pai escolheu para seguir essa missão dele foi eu, que ele me pediu.

A folia de reis eu comecei com meu avô, o pai da minha mãe. Era criança ainda, tinha 8 anos, tem 51 anos que eu entrei pra folia. Nós fazia campanha, descia cantando nas casas, arrecadando renda. E ali onde é o atual Bambuzal, tinha uma vila de pessoas pobres. O dinheiro que meu avô arrecadava, ele comprava alimento. Eu ia com ele, eram duas sacolas

grandes, ele segurava uma na mão direita e a alça da outra na mão esquerda e eu ia ajudando do outro lado. Nunca faltei um ano sem fazer campanha.

Meu avô ficou idoso e faleceu, depois eu fui ajudar meu pai, que também já é falecido. Agora tem 38 anos que eu peguei a frente da minha folia, eu que sou o comandante da folia, o embaixador, o capitão. A minha folia é Companhia dos Reis de Salitre de Minas. Meu pai, quando ele andava com folia, lá na nossa região do Salitre, eles passaram numa casa lá, o médico já tinha desenganado a menina, tava praticamente morta na cama. A folia fez uma oração, cantou e pediu os Reis para recuperarem a saúde dela, a família toda desesperada. Hoje em dia, essa menina é uma mulher casada, tem família.



A folia inicia com o ofério, é aquele que carrega a bandeira, a imagem dos reis, da Virgem Maria, São José, do menino Jesus. É ele que chega com a bandeira nas casas. Ele chega e aí já chegam os foliões, o capitão, a primeira voz, a segunda voz, a terceira voz, a quarta voz, a quinta e a sexta. Aí tem o sanfoneiro, o caixeiro, chega já cantando. Aqui na região nossa, Patrocínio, a folia é muito forte. É festa o ano todo, para só na quaresma.

Aqui na cidade, nós temos mais de 20 grupos de folia. Através dos hinos que nós cantamos nas casas das pessoas, nós estamos anunciando o nascimento de Jesus, a gente vai anunciando esses versos na casa das pessoas, nos terços mesmo e nas festas de reis.





ESTEFÂNIA NADINAMAR JANUÁRIO – ORGANIZADORA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

ARCOS - MG

Minha família faz parte do Congo Sereno, ele é da década de 50 ou 60 e também já passou de geração, dos pais pra uma das filhas e agora pra uma das netas, então é um congo mesmo de família. Além dele, aqui em Arcos, nós temos mais dois ternos: O Congo Mirim e o Moçambique Filhos de São Jorge. Só o Congo Sereno conta com cerca de 60 dançadores, o Filhos de São Jorge conta com uns 20.

A festa aqui na cidade, que é um patrimônio, tava ficando esquecida, então entrei como organizadora do movimento. As pessoas que dançam congo sofrem um preconceito muito grande, foi por isso que eu abracei mesmo, pra mostrar pra população que é uma cultura, a gente prega uma fé com devoção, e acima de tudo, é uma cultura histórica e religiosa.

Antes, os meninos saíam pra tocar, as pessoas às vezes se escondiam dentro de casa, porque rotulavam os meninos como macumbeiros, ou então "invém lá os bebuns!". Em 2014, a gente teve um atrito grande com o pároco que estava à frente da Igreja do Rosário, onde a festa é realizada. Ele não aceitava não só o congado, mas outras espiritualidades e movimentos que existem dentro da igreja.

No dia do levantamento dos mastros, na abertura da festa, nós chegamos na igreja e nos deparamos com tudo fechado e as luzes apagadas. Estávamos todos com imagens nas mãos que carregamos por muitos quilômetros pra chegar ali. Nós precisávamos colocá-las em algum lugar para os meninos tocarem e agradecerem. Os donos de um bar do outro lado da rua que estava aberto eram devotos, aí pegaram duas mesas e nos ofereceram para colocar as imagens.

Depois disso, o padre chegou a dizer que não gostava porque as pessoas ficavam todas

bêbadas e além de bêbadas tinham um cheiro horrível e ele não queria isso na paróquia. Então, daquele ano pra cá, foi uma luta bem árdua que eu tive para a população entender o que era o nosso movimento. A população, então, passou a ter uma aceitação muito grande com a gente, passaram a convidar mesmo, a chamar pra ir nas casas fazer visitas, as pessoas doentes que recebiam graças viam a fé e devoção que a gente tem e agarravam com a gente mesmo.

Hoje, a prefeitura tem dado um apoio maior. Em 2019, o prefeito, mesmo sendo evangélico, participou da festa com a gente, a visibilidade aumentou. Foi um trabalho de formiguinha, naquele ano eu falei para os meninos que ficou lançado mesmo esse marco da festa pra cidade. Essa cultura tem sempre que ser divulgada porque ela conta nossa história e, sim, pode morrer. É uma cultura que, historicamente, tem um papel fundamental.





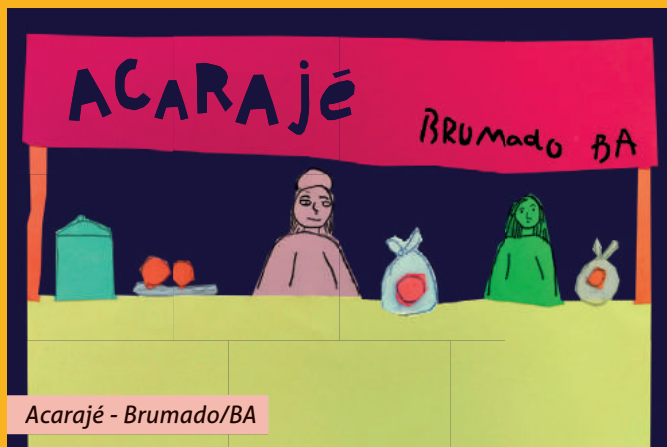
Festa de caruru - Alagoinhas/BA



Comidas típicas - Alagoinhas/BA



Cuzcuz - Barra dos Coqueiros/SE



Acarajé - Brumado/BA





Postais e cartazes produzidos de forma colaborativa por alunos participantes do projeto (técnicas: colagem, estêncil e monotipia em gelatina).



IVANILDA MENDES VICENTE – MOÇAMBIQUE SAINHA AZUL

ARAGUARI - MG

Acontece em outubro, na Festa do Rosário aqui em Araguari. É uma semana de novena que tem e no sábado acontece o levantamento do mastro, aí tem as alvoradas na igreja. Na sexta-feira, no começo da novena, solta foguete, nós vamos todos lá na igreja batendo as caixas, louvando Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e todos os santos da casa. No domingo, a gente vai buscar os reis e é essa festa bonita!

É gente demais que chega lá em casa e todo mundo é acolhido. Só no meu grupo são 63 dançadores, aí eu não faço a comida só pros 63, porque vai a família, vai conhecido, vai muita gente, fica em torno de umas 130, 140 pessoas. Aí todo mundo come e ainda sobra, São Benedito é muito poderoso não deixa faltar nas panelas.

A cozinha lá da minha casa é onde a gente faz os preparativos das comidas pra toda a turma do Moçambique Sainha Azul. A gente faz as panelas com tutu de feijão, macarronada, carne de porco, frango ao molho com açafrão e não pode faltar a costela de vaca, que é tradicional e o angu de fubá que a gente gosta muito pra comer junto com o tutu.

Eu já cozinho pra esse povo todo faz muitos anos. Não sou só eu, porque eu sou a capitã e presidente e preciso sair com meu terno. As cozinheiras mesmo que ficam lá são minha filha, minha irmã, mas elas fazem do jeito que eu venho ensinando elas, com o tempero mesmo nosso lá de casa. São 42 anos de cozinha, que este ano o Moçambique Sainha Azul faz 42 anos.



Quem me ensinou a cozinhar foi minha mãe. Ela ia ensinando a mais velha, a mais velha ia ensinando os mais novos. Não podem faltar os temperos do quintal, sempre a gente ia na horta e era alecrim, cebolinha, salsinha, sempre ela mexia muito com açafreão, bem temperadinho... o alho, cebola. Do jeito que ela me ensinou eu passei pra minha filha, minha filha agora passou pra minha neta e eu já sou até bisavó. Todas elas ajudam na cozinha do moçambique. Cada um de nós tem uma sabedoria que a mãe da gente passou pra gente. Minha mãe passou a sabedoria nossa dos temperos.

O Moçambique Sainha Azul ele não é importante só pra Araguari, ele é tudo pra mim. Eu primeiro, com minha família, com meu pai, a gente começou a dançar no Moçambique Branco, um dos primeiros daqui. Fui criada lá dentro dele. O Seu Zé Jerônimo era o dono na época, mas ele faleceu, outros foram falecendo e eu já tinha dom, já queria ter o meu próprio pra deixar pra minha família. E aquilo foi crescendo, crescendo, meus irmãos, minha mãe me deu muita força e eu fundei o Moçambique Sainha Azul. Formei ele, eu tava com 17 anos e venho até hoje. Eu tenho muita fé, demais da conta, nos antigos, nos antepassados, nos meus pretos velhos, lá nos escravos. Do mesmo jeito eu passo pros meus netos, meus bisnetos, vêm tudo junto no moçambique. Vou deixar essa herança pra eles, que é de direito deles.



AS EXPRESSÕES DE CADA LUGAR

JULIANA CLABUNDE – JONGO

CUBATÃO - SP

A gente começou como um grupo de pesquisa e cultura popular em 2009, mas já somos uma associação desde 2011, Associação Sociocultural e Educacional Zabelê. Eu sou coordenadora geral de projetos e vice-presidente da associação. Começamos trabalhando com a salvaguarda dos patrimônios, que de certa forma se relacionavam com a gente, com nossas histórias individuais e com o território. Nós somos uma comunidade jongueira e eu sou uma das lideranças.

Eu nasci aqui na Baixada Santista, mas a minha família é de Taubaté. Eu tinha uma avó em Taubaté que frequentava o jongo e nunca contou para ninguém. Então, tenho essa herança simbólica e reconectei isso dentro da minha família. Eu não nasci numa família jongueira, mas o jongo estava na minha família.

O que mantemos aqui na nossa comunidade é um jongo paulista, mas que vem de um

momento de senzala no Brasil e tem todos os conhecimentos trazidos da cultura africana para cá através dessas pessoas escravizadas. Assim, alguns costumes, principalmente os bantus, vão se enraizando no que é ser afro-brasileiro.

Lá no período escravagista, não se tinha liberdade pra nada, nem pra conversar. Esses grupos, pelo menos alguns aqui em São Paulo, tinham momentos em que era permitido festejar, aí eles começaram a formatar algo que é brasileiro, o jongo, através de cantos acompanhados dos tambores, que comunicavam detalhes relacionados a fugas, ou que algo tinha acontecido com alguém, por meio de códigos e metáforas. E faziam todo um movimento comunitário, os tambores eram colocados numa grande roda e eram os maestros da cerimônia, eles que conduziam colado aos saberes dos mais antigos, que eram aqueles que traziam o conhecimento jogueiro. Hoje, a gente faz para lembrar, para festejar um outro momento, mas sempre com essa memória ancestral reverenciada nas rodas atuais, para manter essa relação viva.

Na estrutura, dança-se sempre um casal no centro e o movimento representa a umbigada, o poder maior que existe na comunidade, a

possibilidade das gerações se perpetuarem por meio dos que virão. A dança, no jongo, representa uma força de continuidade.

Instituíram Cubatão como uma cidade de passagem, sempre no caminho do porto de Santos para São Paulo, ou então uma cidade temporária, que a pessoa vem, trabalha um tempo x na indústria e vai embora. Mas isso não é muito verdade, o povo tá aqui, nasceu aqui, vive aqui, só que não foi levado para a população esse sentimento de pertencimento. Então, como falar de memória e identidade com um povo que sempre remete ou à nostalgia da terra de onde veio, ou a "eu não sou nada porque o povo só passa por aqui"? A gente procura pontuar todo esse mosaico, considerar a terra natal, considerar essa memória primeira que constitui a identidade daquela pessoa e depois pensar como se perpetua isso nesse outro lugar, nesse outro contexto.

Ao longo desses 10 anos de trabalho, a Zabelê foi imprimindo um espaço de trabalho dentro da cidade para falar que existe sim cultura popular e tradicional aqui dentro, existe uma memória que faz a gente ser do jeito que a gente é.



MAXUEL DE SOUZA – CAPOEIRA

BRUMADO - BA

Sou contramestre de capoeira, pratico há 30 anos, comecei com 10, aqui em Brumado. Há 30 anos atrás ainda tinha um preconceito muito grande com a prática da capoeira, tinha bastante resistência, inclusive dentro da minha família, mas eu sempre via uma roda e ficava com vontade de conhecer. Eu comecei a juntar o dinheiro de lanche de escola pra praticar, escondido do meu pai, depois de uns três meses ele viu que eu queria mesmo aquilo e me deu todo apoio. Eu comecei com o Mestre Imbé.

A capoeira tá dentro da história da Bahia e do Brasil, desde a chegada dos negros aqui. Os capoeiristas participaram até da linha de frente do exército brasileiro. A Bahia foi o berço da capoeira, o Mestre Bimba foi um dos pioneiros a trazer a capoeira da rua pra dentro das academias. Com isso, a capoeira foi tomando proporção e tornou esse sucesso que é hoje. Aqui em Brumado, segundo as informações que tenho, ela chegou em 1988 com Mestre Besouro, depois veio o Mestre Imbé e eu comecei a capoeira com ele em 1990. Ele foi embora morar em outro estado e eu continuei com esse trabalho. Há 20 anos eu faço parte do Grupo Internacional de Capoeira Topázio, um grupo que tem sede em Salvador, tem algumas filiais aqui na Bahia e está presente em mais de 20 países, são mais de 20 mil capoeiristas

espalhados pelo mundo praticando a capoeira do grupo Topázio. Só aqui no município devem ter uns 5 mil praticantes de capoeira.

É uma prática que tem sido passada de geração em geração. Eu tenho alunos que começaram a treinar comigo crianças e eles já estão treinando outras crianças. Aqui nós tivemos a geração do meu mestre, a minha, a dos meus alunos e de alunos dos meus alunos.

Diferente das outras artes marciais, a capoeira tem essa musicalidade e essa história ligada com o negro e com a própria identidade do Brasil. A cultura da capoeira é a base da nossa sociedade, e, como faz parte da história do nosso povo, a gente não pode deixar a história do nosso povo morrer. A gente tem obrigação de passar pra frente nosso conhecimento para que as próximas gerações também possam apreciar a nossa arte e a nossa luta.

Eu acredito que ainda tenha preconceito com essa prática hoje, mas de forma bem menor. Hoje a capoeira está na televisão, faz parte do currículo escolar e é em si um meio importante para vencer o preconceito.



MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA – MARIA FEIJÓ

ALAGOINHAS - BA

Quando eu ainda dava aula para o ensino fundamental, só trabalhávamos escritores do Rio e de São Paulo, então conheci uma historiadora que me convidou para um projeto. Durante um evento desse projeto, eu me deparei com a quadra da escola completamente cheia de artistas da cidade. Eu não acreditava naquilo. Aí tive a ideia que quando eu me aposentasse do ensino fundamental, prestaria concurso pra UNEB e a primeira coisa que eu iria fazer era um projeto de pesquisa da produção literária e cultural da cidade, e assim eu fiz.

Maria Feijó fez 100 anos em 2017, no dia 28 de novembro, ela é uma centenária maravilhosa, aqui de Alagoinhas. É uma poeta e também tem livros de crônicas. Se você quer conhecer Alagoinhas, leia Alecrim do Tabuleiro. Nesse livro de crônicas, ela descreve sua história de vida aqui na cidade, ela discursa sobre os rios, sobre as praças. Era uma mulher muito à frente de seu tempo, era professora e fez biblioteconomia. Chegou a ter um programa de auditório e nos autofalantes ela convocava os meninos e as meninas a conhecerem a história da cidade. Lançou mais de 20 livros e tinha um amor muito grande por Alagoinhas.

Ela participou de uma revista daqui, que até então só tinha homens. Foi a única mulher que conseguiu entrar no editorial dessa revista. Ela foi uma revolucionária à época. Contam histórias escritas e histórias mais populares,

que ela tinha um comportamento diferenciado das outras mulheres, então ela não era bem querida na cidade. Escreveu para vários jornais de Alagoinhas, da Bahia e do Brasil, era uma desbravadora. O próprio ato de ela escrever, de "invadir" um espaço que era estritamente masculino, já era uma revolução, uma transposição desses limites. Na década de 60, Maria Feijó tomou o trem pra Salvador e de lá pegou o avião da FAB e foi para o Rio de Janeiro. Disse que teve mais valor lá do que aqui na cidade.

A minha luta tem sido muito grande pra que os livros dela sejam aceitos, porque eles não foram mais editados. Ela não tem a valorização que merece. Patrimônios como as obras de Maria Feijó e de outras escritoras mulheres aqui do município são muito importantes, porque você tem a história vivida àquela época e aí quando você faz a relação com o presente, é possível entendê-lo muito melhor, me faz entender a vida na cidade que eu tanto gosto. Por exemplo, quando ela trabalha com a ferrovia, com a Leste-Brasileira, eu lembro do meu pai. Meu pai era um ferroviário e ele ocupava uma função naquela mesma época. Minha mãe era uma dona de casa e, quando tinha as greves dos ferroviários, era mãe que fazia as panelas de comida para os homens que estavam lá fazendo greve.

Por que então não preservar esse patrimônio?





Festa junina - Brumado/BA



Cavalgada de Alagoinhas - Alagoinhas/BA



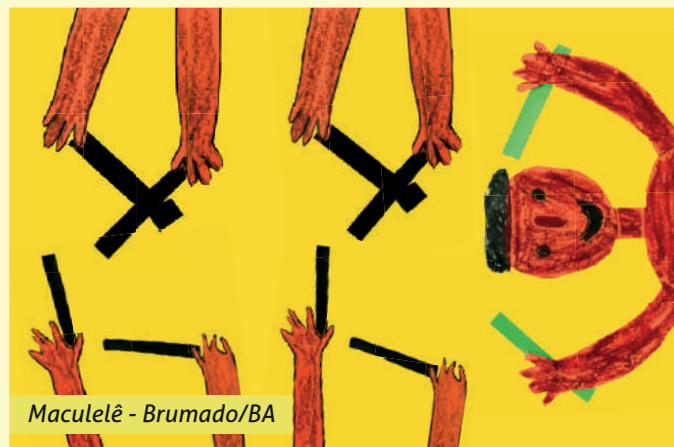
Dança das Mangabeiras - Barra dos Coqueiros/SE



Cavalgada de Arcos - Arcos/MG



Festa de Caruru - Alagoinhas/BA



Maculelê - Brumado/BA



Dança dos Parafusos - Barra dos Coqueiros/SE



Carnaval - Arcos/MG



Cartazes produzidos de forma colaborativa por alunos participantes do projeto (técnicas: estêncil e monotipia em gelatina).

CURIATA

ANGELA ARVELOS – KALUNGA

PATROCÍNIO - MG

Vinham escravos de muitas etnias africanas aqui pra região de Patrocínio, cada um com sua peculiaridade, com seu falar. Os feitores geralmente tinham conhecimento dessas línguas africanas tais como o bantu, o kimbundo e outras línguas. Então, se os escravos conversassem nessas línguas, os feitores entenderiam. Aí, como a inteligência é muito grande, eles resolveram tirar palavras de várias etnias e montar um código pra eles, uma palavra em kimbundo que queria dizer uma coisa, eles colocavam outro sentido nela. A gente diz que esse foi o primeiro grito da liberdade, porque eles podiam, no seu sofrimento todo, falar mal do feitor, fazer um plano de fuga, eles começaram a ter essa liberdade de conversar.

O kalunga, diz que pode ser um lugar, pode ser a língua, pode ser um pássaro. Aqui na nossa

região, o kalunga é a definição do que seria um dialeto de uma língua africana. A gente não considera dialeto, é mais como um apanhado de palavras. Nem todo negro sabia kalunga, geralmente era mais para os guerreiros, para os chefes. Quando eu digo que eu estou no contraponto da história, pelo menos aqui pra a região de Patrocínio, kalunga não era ensinada a mulheres de jeito nenhum e para os homens, só depois deles já estarem perto da maioridade.

Tem palavras comuns: marafa, que acho que todo mundo deve saber, marafa é cachaça; cupia é cabeça; semá é cabelo; mão é maozap; mulher é okae; homem é kamano. Existem só dois verbos no kalunga: aprumar para o sentido positivo da fala e desapumar para o sentido negativo. A maioria dos substantivos a gente pode adverbial, como por exemplo, quiamba, que é perna, se eu falo quiambar, eu digo que

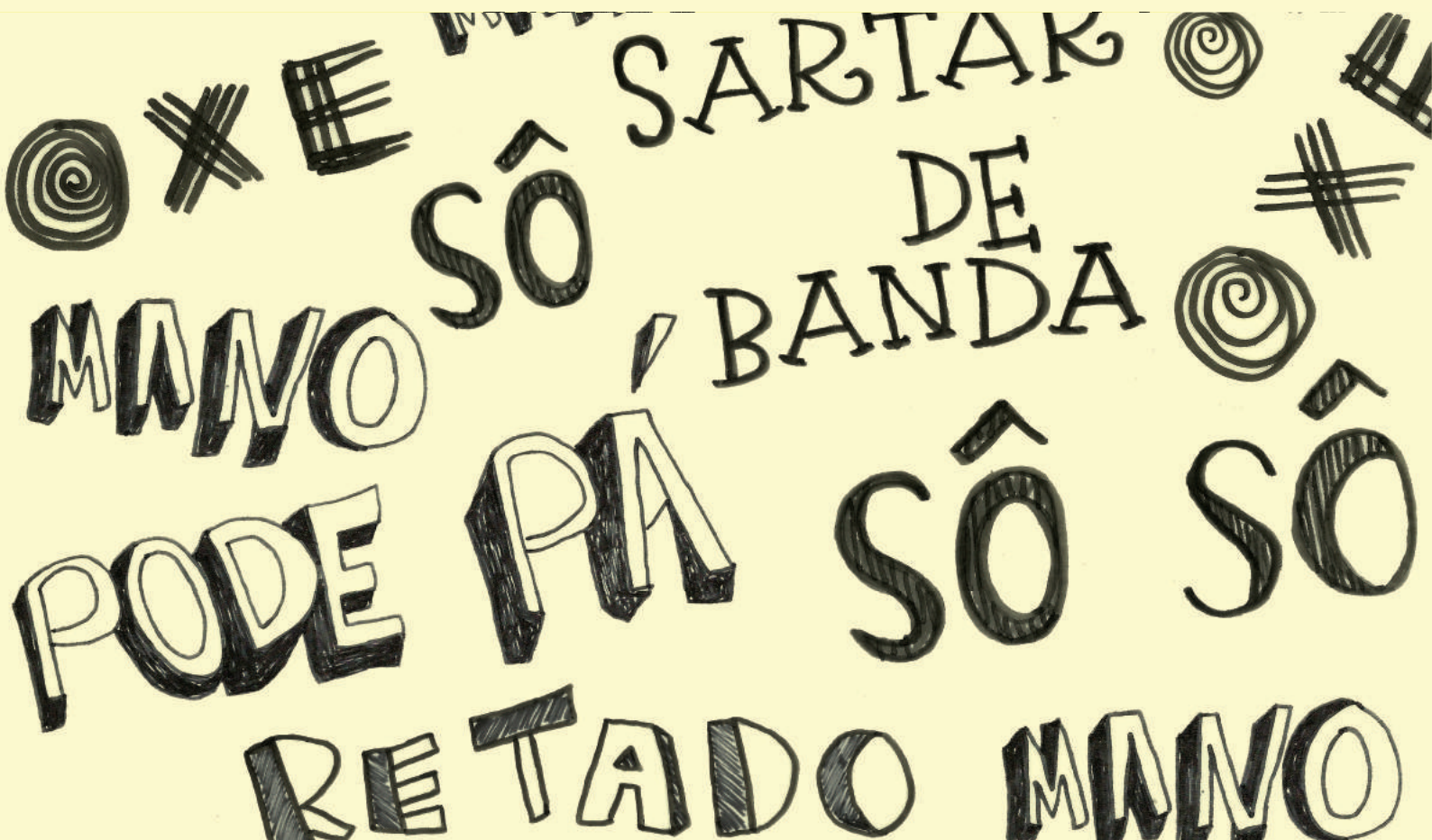


eu tô caminhando. E eles também mesclavam o português com a kalunga. Uma frase completa: vou aprumar marafa na cupia, que quer dizer, vou beber com cachaça na cabeça.

E como isso chegou até nós? Segundo o pessoal, foi através dos ferroviários, da rede ferroviária de trens, dos boiadeiros, dos tropeiros, que eu digo que era o WhatsApp da época. Na verdade, a história de registrar o kalunga em Patrocínio, ela começou com meu marido Marlenisio Ferreira. Ele era filho de ferroviários e teve contato com a língua, com esse dialeto ou esse código, desde criança. E coube a mim divulgar o trabalho dele, porque ele faleceu 3 meses depois da publicação do Livro Kalunga.

Existe uma variação da kalunga em várias partes do país e meu marido sentiu que, pela característica da oralidade, ela já estava se

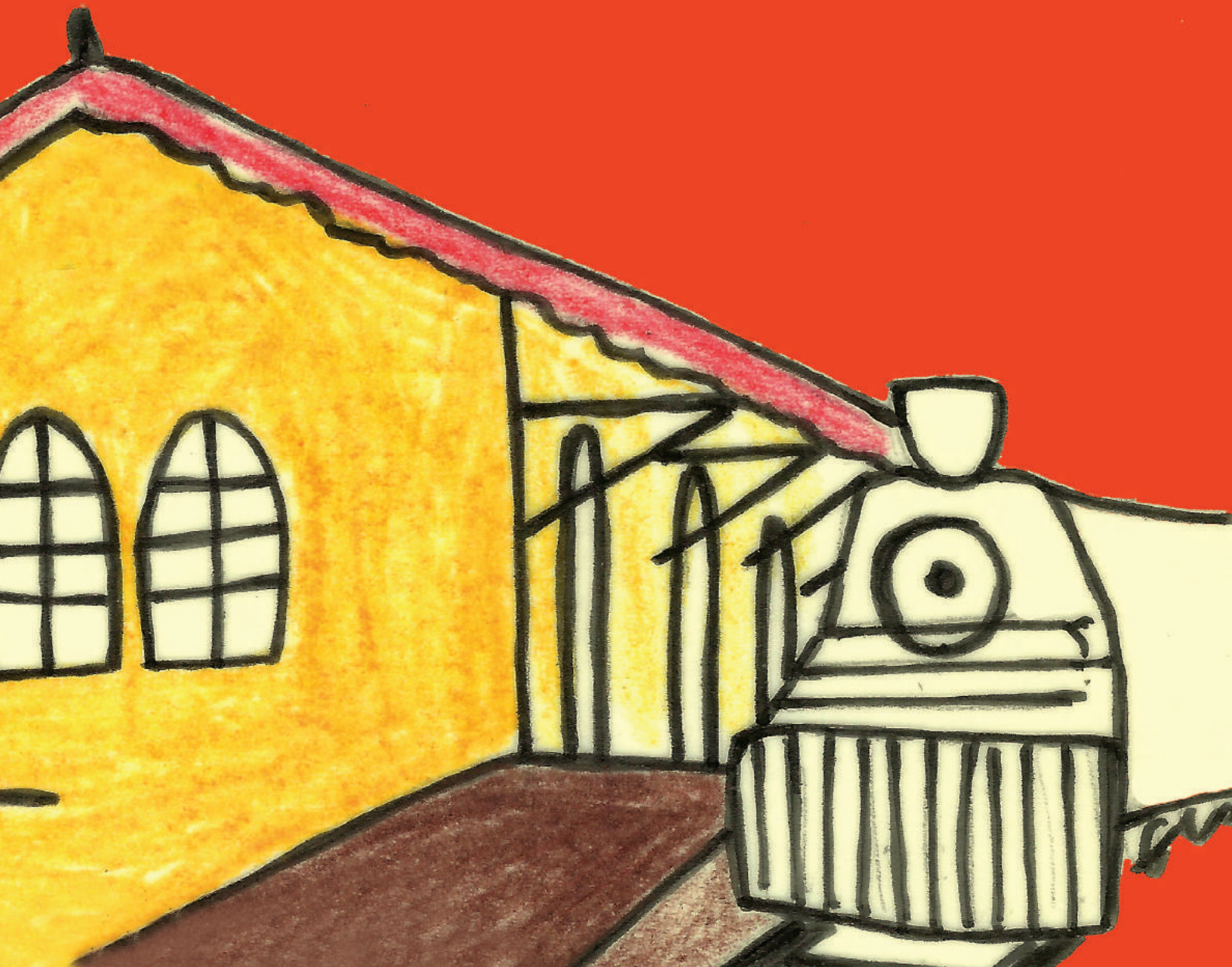
perdendo. As pessoas que calungavam ou ainda calungam geralmente são pessoas idosas e, como meu marido, todos nós morremos. Um dia ele sentou e falou: "Ah, se eu não escrever, não registrar isso, acho que ninguém vai fazer". Então, acho que ele cumpriu seu papel. É o resgate da contação de história do vovô no rabo do fogão de lenha na roça, das pessoas que tinham tempo de repassar o que elas sabiam para os outros, igual tem os griots africanos que passam as suas mensagens, que passam os seus ofícios. Infelizmente, cada vez isso se perde mais, mas eu tô aí levando um pouquinho daqui e de lá desse código.



OS LUGARES

DENTRO DE

CADA LUGAR



RHUBIANE GLAUCE E RUDNEY JOSÉ LACERDA – FERROVIA

ARAGUARI - MG

Rhubiane: O Palácio dos Ferrovários é um dos pontos turísticos aqui da cidade, ele me faz lembrar do meu pai e da família dele que veio pra cá.

Rudney: A ferrovia se deslocava até o município de Araguari proveniente de São Paulo, na época de 40, 50, mas tinha como destino o Distrito Federal. E foi em Araguari o pontapé inicial do trecho sentido à Brasília. Na época, quem foi responsável por fornecer toda a estrutura para a construção dessa ferrovia foi o 2º Batalhão Ferroviário proveniente de Rio Negro, Santa Catarina, que se instalou aqui. Eu nasci em Santa Cecília (SC), mas fui registrado em Araguari com 3 meses de idade e hoje tenho 55 anos. A minha família, meus avós, tios e pais estavam no meio desse pessoal que saiu de Santa Catarina pra alavancar a ferrovia.

O meu avô paterno era funcionário do 2º Batalhão Ferroviário e veio pra cá, assim como centenas de trabalhadores. Foi na época da locomotiva, os vagões lotados, eles trouxeram o que puderam trazer de ônibus e os pertences vieram nos vagões. Quando chegaram, eles construíram a Vila Civil, que tá ali até hoje, só que mudou toda a estrutura, ela foi a primeira instalação dessas famílias em Araguari. Meu pai

foi almoxarife, minha mãe foi cozinheira, meu avô era bombeiro de caixa d'água. Quase toda minha família, assim como outras tantas famílias de Araguari, passou pelo 2º Batalhão.

O crescimento dessa região, mesmo adentrando Goiás, várias cidades de pequeno e médio porte, todas surgiram em decorrência da ferrovia. Já foi Mogiana, Estrada de Goiás, depois veio a Rede e por último VLI, que aqui comanda as ações. Mas à época, era a antiga Mogiana, quando cresceu aqui, surgiu o Palácio dos Ferrovários.

Araguari foi um marco com relação a estradas de ferro, porque toda uma estrutura foi montada, comércio gerado em torno da estrada de ferro, grande número de indústrias, de empresas, de arroz, de tecelagem, todos se concentraram na cidade de Araguari. Toda alavanca do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, o Sul de Goiás partiu da cidade de Araguari. Foi um marco e até hoje o batalhão está aqui, desde 1965.

Rhubiane: É importante guardar essa história para que ela passe através das gerações e chegue nos meus filhos, nos filhos deles e assim vai seguindo.





Relógio da Prefeitura - Araguari/MG



Estação Ferroviária de Arcos - Arcos/MG



Casa de vó e vô - Patrocínio/MG



Igrejas - Brumado/BA



Feira de Arcos - Arcos/MG



Barcos - Patrocínio/MG



Cristo de Patrocínio - Patrocínio/MG



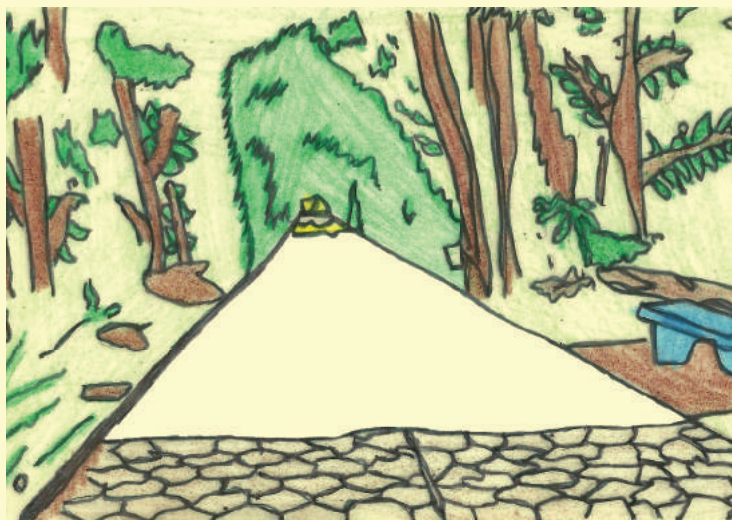
Portinho - Cubatão/SP



*Casa da Cultura
Patrocínio/MG*



*Igreja Nossa Senhora de Fátima
Araguari/MG*



*Bosque John Kennedy
Araguari/MG*



*Casa de Cultura Abdala Mameri
Araguari/MG*



*Vila dos Pescadores
Cubatão/SP*



*Praça Coronel Zeca Leite
Brumado/BA*

MARIA DE LURDES DE JESUS – COMUNIDADE QUILOMBOLA OITEIRO

ALAGOINHAS - BA

Minha mãe morreu com 85 anos, minha avó quando faleceu já tinha quase 100 anos. Eu tinha um tio aqui que tinha 120 anos, todo mundo daqui do Oiteiro. Eu morava numa comunidade vizinha chamada Guabiraba, como minha família era do Oiteiro, eu vim pra cá com 13 anos, hoje eu já tô com 76 e sou presidente da associação da comunidade. Hoje em dia ela é reconhecida pelos Palmares e Brasília e nós temos um título de quilombo.

Aqui foi um pessoal que casou lá em Salvador, no Dendezeiro, depois que já tinham construído família, vieram fazer parte daqui. O povo que vivia aqui não sabia fazer azeite de dendê e nessa terra tinha muito dendezeiro, então eles ensinaram o povo a lidar com o dendê, tiravam do pé, cozinhavam, pisavam de pilão, e aí começaram a fazer pra vender na comunidade.

Como aqui tinha um engenho de escravos com uma senzala, era uma fazenda chamada Fazenda Saco, esses escravos e as amas fugidos foram se juntando também à comunidade, virando uma comunidade de quilombo. Na fazenda, tinha os porões dos escravos, o dono se chamava Dr. Armando. Ele tinha tudo pra prender os escravos, tinha os porões com correntes. Minha avó não foi escrava dessa fazenda, mas o meu tio Miliano já foi do tempo da escravidão. Tinha também meu tio Henrique e meu avô que chamava Pinani, esses daí tudo era da escravidão.

O Oiteiro vive da agricultura familiar, faz muito beiju, muito pé-de-moleque enrolado numa folha de banana. O povo vive disso aí, beiju torrado, beiju que molha com coco, nós fazemos acarajé nos eventos que tem, nós temos um evento da comunidade sobre as raízes quilombolas. Fazemos isso tudo e vendemos na feira, o que a pessoa planta aqui leva pra feira.

Minhas filhas trabalham fora e ainda fazem muita coisa pra levar pra feira de Alagoinhas. Mas o jovem que vem chegando não quer ter a tradição de trabalhar na roça, porque eles estudam e querem arranjar um trabalho fora. Mas tem uma exclusão sobre essas comunidades que dificulta esse jovem ficar na cidade. Ele estuda, faz faculdade, mas a senhora sabe que gente preta, diz que eles são libertos, mas pra trabalhar em um banco, em qualquer lugar, é difícil porque eles são pretos, com o cabelo arrepiado com o jeito mesmo da gente aqui de quilombo. Pra trabalhar no comércio, eles querem aquelas moças mais claras dos cabelos bem no meio das costas.

E o pessoal mais velho que tinha na comunidade, que guardava as tradições, tá se acabando, morrendo. As tradições que a gente mantém aqui ainda é o samba de roda da comunidade, o bumba-meu-boi, as rezas pra São Cosme, tinha as benzedeadas, as parteiras.

Eu tenho uma lembrança dos meus avós que viveram aqui nessa comunidade e já não estão presentes mais. Minha mãe também é daqui do Oiteiro, é filha daqui. Então isso pra mim é uma lembrança boa, de ter aquelas pessoas mais velhas que ensinaram a gente a lutar, é por isso que eu tenho força pra lutar. Eu acho muito importante o ensinamento que a gente recebeu aqui nessa comunidade.



QUEM FEZ ESTE ATLAS

O projeto Conexão Comunidade – Rede de agentes comunitários pelo fortalecimento do patrimônio imaterial e de culturas locais –, número de Pronac: 190340, é executado pela Agência de Iniciativas Cidadãs, patrocinado pela VLI e realizado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura da Secretaria Especial de Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal. Em 2019 e 2020, realizou atividades presenciais e remotas de diagnóstico colaborativo do patrimônio cultural local, de educação para o patrimônio e de educomunicação junto a professores, estudantes e agentes culturais de nove cidades: Barra dos Coqueiros (SE), Alagoinhas e Brumado (BA), Araguari, Arcos, Belo Horizonte, Patrocínio e Santa Luzia (MG) e Cubatão (SP).

Participaram dessa última edição do projeto turmas do ensino fundamental de 20 escolas das redes estaduais e municipais dessas cidades e mais de 500 grupos, detentores e agentes culturais relacionados diretamente com a salvaguarda de patrimônios imateriais nesses municípios.



Centro Integrado de Educação Professora Maria Sônia e Professor Sá Teles - Brumado/BA



Escola Municipal em Tempo Integral Professor Roberto Santos - Brumado/BA



Escola Municipal em Tempo Integral Oscarlina Oliveira Silva - Brumado /BA



Escola Municipal Deoclides José Pereira - Barra dos Coqueiros/SE



Escola Municipal de Ensino Fundamental Creuza Gomes dos Santos - Barra dos Coqueiros/SE



Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves - Alagoinhas/BA



Escola Municipal Irene Andrade de Assis - Alagoinhas/BA



Colégio Municipal Miguel Santos Fontes - Alagoinhas/BA



Escola Estadual Prof.^a Célia Lemos - Patrocínio/MG



Escola Estadual Joaquim Dias - Patrocínio/MG



Escola Estadual Venina Tavares Amaral - Patrocínio/MG



Escola Municipal Tenente Coronel Vilagran Cabrita - Araguari/MG



Escola Municipal Papa João XXIII - Araguari/MG



Escola Estadual José Carneiro da Cunha - Araguari/MG



Escola Municipal José Bonifácio Gonçalves - Arcos/MG



Escola Municipal Laura Andrade - Arcos/MG



Associação Quilombola Cangula - Alagoinhas/BA



Grupo Resgate Samba de Roda Comunidade Tombador - Alagoinhas/BA



Associação Beneficente Cultural Ilê Axé Oyá Ní - Alagoinhas/BA



Projeto de Capoeira Vivendo a Arte - Arcos/MG



Centro Comunitário Sócio Cultural - Barra dos Coqueiros/SE



Grupo Topázio - Brumado/BA



Zabelê - Cubatão/SP



Queijo Pirapetinga - Patrocínio/MG



Associação Cultural Comunitária - Santa Luzia/MG



Marinheiros de Nossa Senhora do Rosário - Arcos/MG



Folias de Reis de Patrocínio/MG



Congadas e Moçambiques de Araguari/MG

AGRADECIMENTOS

Vamos nos despedindo deixando nossos agradecimentos às prefeituras dessas localidades, que facilitaram os encontros com as comunidades escolares e com os agentes culturais. Assim, também agradecemos aos gestores, professores e alunos das escolas, que confiaram em nosso trabalho, nos acolheram com carinho, percorreram toda essa vereda com a gente e deixaram as portas abertas. E nossa gratidão sem fim a todos os detentores e demais pessoas que lutam diariamente, mesmo diante dos cenários mais desafiadores, para guardar, fortalecer e passar à frente a história, a memória e a identidade dos nossos povos, em especial aquelas que estão diariamente sob ameaça de desaparecerem.



SOBRE A VLI

A VLI é uma empresa de logística que opera duas ferrovias: a Centro-Atlântica e a Norte-Sul. Elas se integram a portos e terminais. Além da sua cidade, ela também está presente em mais de trezentos municípios e dez estados brasileiros. Muita coisa, não é mesmo?

Pelas ferrovias e terminais da VLI passam produtos agrícolas como grãos (milho, soja e farelo de soja), açúcar e fertilizantes, produtos siderúrgicos e industrializados.

Para isso, a VLI conta com mais de 8 mil quilômetros de linha férrea, setecentas locomotivas, 24 mil vagões, três portos, oito terminais e quase 8 mil funcionários para cuidar disso tudo.

A VLI tem paixão por transformar a logística do Brasil e acredita que isso só é possível em parceria com as comunidades que convivem com as suas operações. Por isso, viabiliza iniciativas como o Conexão Comunidade. Para saber mais sobre a VLI, acesse www.vli-logistica.com.br, ou ligue para o **Alô VLI: 0800-022-1211**.



Ministério do Turismo apresenta: Conexão Comunidade

Patrocínio:

Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

